1Coríntios 15 – "A vida que vence a morte"

1. QUANDO A FÉ É PERDEDORA

Verificamos no interior da vida da Igreja Latino-Americana um fascínio pelo tema da paixão e crucificação de Jesus. O Cristo sofredor é o rosto que povoa o imaginário religioso do Cristianismo ibérico e influenciou de maneira marcante o modo de ser do povo latino-americano. A tal ponto que o forte das celebrações da páscoa cristã é a chamada sexta-feira santa, onde procissões choram de novo a morte do filho de Deus.

Esta figura é tão profunda, e tem-se estendido e enraizado durante quinhentos anos de colonização ibérica e conseqüente cristianização, que vários setores foram marcados por estas figuras; as músicas falam, no mais claro tom, mais do Cristo sofredor do que de qualquer outro tema cristão; a pintura, escultura mostram com veemência um Cristo crucificado, morto e derrotado, uma figura de dar pena, de fazer chorar. Aliás, o choro e a tristeza é o que sentimos quando vemos aquela figura do Cristo sofredor.

Sem dúvida, a morte na cruz do Filho de Deus, o Messias Jesus, é fundamental, como tema teológico e uma denúncia clara sobre a morte do inocente, tão freqüente no horizonte histórico latino-americano.

É exatamente sobre a conveniência desta temática para o colonizador europeu que queremos denunciar o seu uso como forma de domesticar e dominar, porque utiliza a morte e o sofrimento de Jesus para manipular a vida do povo latino-americano; pois, uma vez cristianizado e sacralizando o sofrimento e a morte, como única forma legítima de existência cristã, de acordo com esta visão, os cristãos são chamados para serem pobres, humildes e sofredores, e conseqüentemente derrotados. Sem dúvida isto é um uso ideológico da fé cristã, que não faz justiça ao texto dos Evangelhos e dos escritos neotestamentários. Trata-se de uma manipulação da fé bíblica para torná-la na vida do povo uma fé perdedora.

É neste quadro que cremos ser importante o restabelecimento do tema da Ressurreição de Jesus. A fé na Ressurreição foi enfraquecida pela sedução do Cristo sofredor como foi lido e manipulado pelo opressor europeu, e por outro lado por uma exegese emergente neste século, que em nome da cientificidade do método declara: não houve ressurreição, historicamente falando! Conseqüentemente, o que houve foi a morte.

É frente a este quadro que neste artigo ouso fazer afirmações em favor da vida, reafirmando a Ressurreição não apenas em sua existencialidade, mas em sua concretude histórica, não como servo de uma fé ingênua, nem cativo de um fundamentalismo inconseqüente e sem qualquer senso crítico. Isto por considerar que crer e anunciar a Ressurreição, numa dimensão de fé na vida que vence a morte, e manifesta, na história e na luta do povo, um caminho novo, onde o Cristo não permanece morto, nem derrotado, mas ressuscitado e vivo. É este o caminho de leitura e exegese que faz justiça à mensagem bíblica, além de tornar a fé cristã efetivamente libertadora da morte e da opressão.

2. DA ÊNFASE NA MORTE PARA A ÊNFASE NA VIDA

A primeira abordagem que queremos considerar, antes de nos acercarmos exegeticamente do texto escolhido de 1Cor 15, é a demarcação de que embora a morte seja temática freqüente no Novo Testamento, ela não pode ser considerada isolada e como definitiva, mas sim com circunstancial e como verdadeiro pórtico para introdução do tema da vida e da esperança. Nos limitaremos ao Novo Testamento por limitação de espaço e reconhecimento de que nele está o dilema mais concretamente considerado e freqüentemente manipulado, ou seja: Jesus Cristo venceu ou não a morte? A resposta a esta questão consideraremos maiormente no estudo do texto de 1Cor 15.

Assim, começaremos examinando em outros textos como a morte foi moldura para falar da vida, e nunca prisão, cativeiro irreversível do povo pobre, e um estado proposto por Deus e aceito pelas comunidades cristãs primitivas.

2.1. Uma leitura do texto em favor da vida (Mc 2,23-28)

Sem abrir um caminho de especulação sobre a história deste texto, faço uso dele para exemplificar como a tradição religiosa pode manipular a vida do povo, inculcando tradições que conspiram contra a vida, e mostrar como Jesus rompe com isto.

O exemplo das prescrições rabínicas sobre o sábado mostra como a religião pode semear morte em vez de vida. O sábado, principalmente no judaísmo farisaico, deixará de ser um espaço da festa e descanso, para ser do ócio e do silêncio lúgubre. O necessitado podia morrer, seja de fome ou de enfermidade, mas o sábado não podia ser violado. Jesus deixa claro que a vida do Reino por ele inaugurado é maior que o sábado. Assim, o pão e o saciar a fome sobrepõe-se ao sábado. É o preceito de vida superando a morte. Nesta direção é que a Bíblia é lida pelo povo como uma resistência ao anúncio da morte, e um esforço por uma leitura que liberta e semeia coragem e esperança, para poder construir um caminho de

fé na superação da morte pela vida. Resumindo: é refazer o caminho da vida deixado pelo ministério de Jesus.

2.2. Uma fé para a vida (Mc 5,23.41)

O quadro da ressurreição da filha de Jairo nos provoca a analisarmos como os quadros de morte são molduras narrativas para o anúncio de vida.

A morte no judaísmo era ser tirado da família, da comunidade, da terra de Israel, era voltar a ser pó (Gn 3,19). A alma descia ao Xeol segundo a tradição rabínica, quando ocorria fora de tempo, ou antes da velhice, pois só teria ocorrido por causa do pecado na família, ou da própria pessoa, e por isso ocorreria a morte como um castigo divino (2Sm 12,13.14-22). Na verdade, o ideal de Deus era a ausência da morte, e isto fica claro no relato da criação e também no da queda do homem (Gn 3,2-3). A morte na teologia oficial era conseqüência de quebra da Aliança, fruto de infidelidade. Por outro lado, morrer avançado em anos era símbolo da vida do justo, era a bênção da velhice (Sl 91,16).

Jesus rompe com este tipo de leitura, pois o desespero de Jairo é respondido, e a sua filha que estava à morte tem um outro destino. A desgraça é superada, já não se morre na infância, o tempo da vida do Reino foi definitivamente inaugurado. Aqui pode-se entender o fatalismo dos que dissuadiram Jairo de continuar insistindo com Jesus: a morte já chegara, o momento era irreversível, restava chorar. O texto diz que Jesus viu o alvoroço dos que choravam e pranteavam muito; sua palavra de que ela não estava morta mas que dormia soa como ridículo aos ouvidos dos vizinhos e familiares de Jairo, pois para eles estava tudo terminado. Neste sentido é que percebemos que os quadros de morte são redacionalmente acentuados nos Evangelhos, e isto para anunciar a força da vida do Reino, trazida por Jesus. Vida que vence a morte.

O quadro de Jesus tomando pela mão a menina que estava morta é ilustrativo e simbólico do confronto da vida do Reino, contra a morte que se estabelecera, na consciência do povo, através da teologia oficial judaica. Como vimos, o morto prematuro, além de ser símbolo da conseqüência do pecado, era impuro. Um judeu não tocava no morto. Se tocasse, teria que passar por um ritual de purificação. Jesus inverte isto: o morto não o contamina, não lhe passa morte; ele é que passa a vida (Mc 5,40-42).

3. RESSURREIÇÃO – VIDA QUE VENCE A MORTE (1Cor 15)

Falar na ressurreição na abordagem paulina de 1Cor 15 é de certa forma uma provocação, pois Paulo não é o autor bíblico mais usado por nós, latino-americanos, para uma leitura bíblica encarnada na vida e na história.

Mas, ler Paulo em 1Cor 15 é, sem dúvida, desafiador por ser a primeira leitura e redação cristã mais elaborada sobre a ressurreição, antecedida apenas pelo que Paulo mesmo menciona na passagem em 1Ts 1,10. Em Coríntios ele reúne testemunhos que depois seriam desenvolvidos no Evangelho.

Baseados, então, na dificuldade que sentimos para ler Paulo, e na evidência de que se trata do mais antigo testemunho cristão sobre a ressurreição (pelo ano

57), é que escolhemos 1Cor 15, para falar de ressurreição, como vida que vence a morte. Alguns autores nos ajudaram nesta leitura[1].

Considerando, neste texto, os aspectos acima, vamos exercitar a leitura da primeira parte do capítulo 15, a qual estende-se até o verso 11. Embora incursionemos rapidamente em outros textos e mesmo em momentos diferentes deste capítulo, nos limitaremos a colher material para evidenciar a relevância do anúncio da Ressurreição, para Paulo e a Igreja do Novo Testamento, principalmente como força mobilizadora na luta pela vida e inserção nos caminhos históricos do Reino de Deus, e nunca como abstração mística e anti-histórica, capaz de manipular a vida e construir tradições que entronizam a morte e desmobilizam a luta pela vida.

3.1. A ressurreição no relato paulino (1Cor 15,1-11)

A primeira consideração a ser feita é quanto ao objetivo da carta aos Coríntios. Sua motivação é dar resposta às questões doutrinárias e de disciplina interna trazidas a Paulo (1Cor 1,11).

Vejamos a primeira parte deste texto, sob a qual queremos considerar a maior parte do tema. "Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão. Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras..." (1Cor 15,1-4). Neste capítulo o tom pastoral-doutrinário acerca-se de um estilo mais judaico-rabínico. Isto posto, pode-se entender melhor o jogo de palavras usado por Paulo no início do capítulo 15. Assim, muitos termos que não são usuais em Paulo e demonstram que aqui ele depende mais do que nunca de outras fontes. Por exemplo, o verbo *gnorizein* é usado no sentido de lembrar-se, sentido não utilizado por Paulo em nenhuma das 14 vezes que ele o utiliza em suas cartas, inclusive em 1Cor 12,3. Neste caso o lembrar-se aqui insere-se no mesmo uso dos verbos *paralambanein* e *paradidomi,* os quais, embora tenham um amplo e diversificado uso em Paulo, aqui inserem-se na perspectiva do *receber* a tradição – *paralambanein,* e *entregar* a mesma tradição – *paradidomi.* Tudo dentro de uma dependência evidente do receber e transmitir a tradição recebida. Paulo se reconhece como anunciador – *euaggelizomai* da tradição dos Apóstolos e da Igreja sobre a Ressurreição, mas numa construção perfeitamente rabínica, onde transmitir a tradição é transmitir a vida.

Aqui trata-se de anúncio do *Kerigma* da Igreja, o que dá respaldo e autoridade ao que Paulo diz. Os Coríntios haviam recebido – *paralambanein* o anúncio de Paulo (At 18,1-11), e seguiam perseverando nesta fé salvadora – *sozein,* isto se retiverem – *katechete* a palavra, o que também consiste numa afirmação rabínica, ou seja, incorporar, reter a torah era permanecer na aliança de salvação do Senhor.

1. CONZELMANN, H. *Der erste Brief and die Korinther.* Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen, 1981.

A seguir Paulo faz de novo uso dos verbos mencionados, receber e entregar, para sublinhar a mensagem: Cristo morreu pelos nossos pecados. Aqui a morte não é uma derrota, mas é uma denúncia. Jesus morre como inocente, sem culpa; nós é que éramos pecadores. Mas esta culpa está paga, a morte do justo é uma denúncia, e um anúncio. A morte não deve ser mais lançada contra o povo, o justo Jesus abriu um novo caminho de perdão e ressurreição (Rm 6,5). Há nesta morte um propósito de caminho de vida, e isto no uso de outra forma semita que é o "segundo as escrituras". As escrituras apontam para Jesus e sua morte, a qual aponta o fim da condenação do pecado e da morte, e uma nova Aliança atualiza a antiga Aliança. Aqui estão contemplados não apenas os eleitos do povo de Deus, mas os impuros, pobres e pecadores. Pois a morte do justo é inclusiva e a sua morte traz vida ao mundo; seu sacrifício não contempla apenas alguns, mas todos os que crêem, não importa sexo, raça, religião ou papel social, pois quanto maior a marginalidade, tanto maior identidade com a morte do justo Jesus.

Na seqüência anuncia-se a segunda parte da mensagem: "... foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras". Aqui está o coroamento da mensagem: a morte não o deteve, ela não tem a última palavra, por isso o hino triunfante do final do capítulo: "... Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" (1Cor 15,54b-55).

Ressurreição torna-se assim um tema central da fé cristã, é o novo do anúncio de Jesus e da Igreja; não é mais uma doutrina exótica farisaica, mas uma experiência e fé de toda a comunidade cristã primitiva. A morte não é mais algo que intimida e inibe a luta do povo pelo temor que representa, mas sim: "... o último inimigo a ser derrotado". A ressurreição representa assim uma libertação no nível simbólico-religioso, com evidente implicação no campo histórico.

Prova da inserção histórica do tema é o esforço de Paulo em reunir as testemunhas históricas da ressurreição, começando por Pedro: "E apareceu a Cefas..." (v. 5). Paulo, aqui, é devedor, segundo a história das tradições, de uma catequese já cristalizada antes dele, segundo a qual Pedro foi a primeira testemunha da ressurreição, com o que não concordam as principais tradições dos Evangelhos, inclusive João, que afirmam em primeiro lugar o testemunho das mulheres. Marcos afirma: "Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios." (Mc 16,9). Embora, como identificam alguns autores, Lucas cultive a tradição de Pedro como primeira testemunha, no relato dos discípulos de Emaús, os quais retornando a Jerusalém depois de encontrar-se no caminho com Jesus, ouvem o testemunho dos onze: "... o Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão!" Por que Paulo omitiu o testemunho das mulheres? Caberiam muitas respostas, mas o mais provável é que se ancorasse na legislação judaica, onde o testemunho de uma mulher não tinha a validade do testemunho de um homem. A isso a junte-se o fato de que em Lucas as mulheres são testemunhas do túmulo vazio, e não do Cristo ressuscitado; testemunha deste é Pedro. Há, ainda, a reconhecida base comum de tradição entre Paulo, Lucas e Antioquia, de onde procedem as tradições presentes nos escritos lucanos e paulinos. Teríamos aí as razões tanto para a omissão das mulheres, como para o fato de Pedro ser considerado a primeira testemunha da ressurreição.

O esforço de Paulo ao reunir tais testemunhas, a começar com Pedro e concluir com ele mesmo, coloca o aspecto fundamental que a historicidade da ressurreição levantava. E isto pelos conflitos que tal anúncio suscitava.

3.2. O anúncio da ressurreição no horizonte judaico

Considerar o anúncio da ressurreição em um horizonte judaico em Corinto é reconhecer a relevância que o segmento judeu-cristão tinha nesta comunidade. É abrir-se para o anúncio ao grupo de judeus existentes em Corinto, que polemizavam contestando a mensagem de que Jesus era o Cristo, e a ressurreição a sua principal evidência. Pois, além de mostrar nos v. 12-19 que no horizonte helenista a ressurreição era um absurdo irracional, a partir do verso 20 há uma mudança do arrazoado. A argumentação agora dependente da fé judaico-farisaica utiliza inclusive o Salmo 110,1 e o Salmo 8,6 e serve de base para afirmar a vitória do Messias Jesus sobre a morte, elemento compreensível apenas no horizonte judaico. Reconhecemos, sim, que este conceito só é desenvolvido no judaísmo pós-exílico, já que não há quase evidência do tema da ressurreição no judaísmo pré-exílico.

Mesmo quando consideramos os relatos sobre a ressurreição do filho da viúva de Sarepta (2Rs 4,18-37) no ministério de Elias, ou a ressurreição do filho da sunamita (1Rs 17,17-22) no ministério de Eliseu, o qual é duplicação do primeiro, e mesmo a ressurreição do homem lançado no sepulcro de Eliseu (2Rs 13,20-21). Mesmo considerando tais textos, não é possível perceber uma doutrina da ressurreição sendo desenvolvida neste período, menos ainda como foi anunciada pela Igreja Primitiva[2].

Isto posto, fica a pergunta: Como foi desenvolvida tal doutrina no período pós-exílico, e de que maneira Paulo é dependente dela no arrazoado do capítulo 15 da 1Coríntios? Confesso não ter espaço, nem tempo, para colocar a questão. Mas vejamos o essencial, e que pode nos ajudar numa ampliação do sentido e do compromisso com a vida que o tema ressurreição coloca para nós.

Alguns consideram que a origem do tema ressurreição vem do tema não conhecer a morte, explicitado acerca de Enoque (Gn 5,24), do qual se dizia que Deus o tomou para si. Este conceito é pré-exílico, pois o mesmo se aponta em Elias (2Rs 2,1-15), o qual é transladado em um carro de fogo, o que implica em não ter conhecido a morte.

Há ainda muitos outros textos, inclusive pré-exílicos, que são citados. Mas nenhum deles é conclusivo, inclusive Oséias 6,1-2, que teria sido usado por Paulo e o cristianismo primitivo, texto também usado pelos fariseus para falar da ressurreição: "Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele nos despedaçou e nos sarará; fez a ferida e a ligará. Depois de dois dias, nos revigorará; ao terceiro dia, nos levantará, e viveremos diante dele." Este texto estaria na base de todo o querigma cristão sobre a ressurreição ao terceiro dia, mencionada claramente por Paulo em 1Cor 15,4, ou ainda Oséias 13,14 onde encontramos a fórmula hínica usada por Paulo (1Cor 15,54-55). Na verdade, cremos que o texto de Oséias tem

2. KLAUSNER, J. *Jesus of Nazareth*. The Macmillan Company, New York.

como fundo histórico a guerra Siro-Efraimita e chama ao arrependimento a nação, para sua restauração. O que de todos os modos não anula a releitura do texto de Oséias e outros feita por Paulo e o cristianismo primitivo.

O tema aparece também claramente em Isaías 26,19: "Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos." Este texto é considerado uma interpolação pós-exílica, junto com Isaías 25,5; ambos textos falam de vitória sobre a morte. Isaías 26,19 menciona a ressurreição propriamente dita, sendo que na Septuaginta há um jogo de palavras que produzem uma redundância, onde as palavras são os verbos *anistêmi* e *egeirô*, os quais são os verbos mais usuais em todo o Novo Testamento para falar da ressurreição.

Finalmente, são os textos de natureza mais apocalíptica do que profética que se encontram na base da crença na ressurreição. O primeiro aceito por alguns autores cristãos (por exemplo Tertuliano e Justino) como texto que aponta a ressurreição é Ezequiel 37, com a visão do vale de ossos secos, conforme escrevem Tertuliano, Justino etc. Autores modernos consideram que também aqui está sendo anunciada a restauração de Israel, embora admitam que este relato tenha servido de base para o desenvolvimento da concepção da ressurreição. Mas, definitivamente, é num texto bem tardio do Apocalipsismo judaico de Daniel que vai aparecer explicitamente o conceito de ressurreição como o encontramos posteriormente no cristianismo. Trata-se de Daniel 12,2: "Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para a vergonha e horror eterno." É visível o paralelo deste texto com o de Jo 5,29 onde o Apocalipsismo de João anuncia a ressurreição dependendo visivelmente de Dn 12,2[3]. Desde aí é que deve ser entendida a fé na ressurreição como uma resistência a considerar a morte definitiva, do mesmo modo que não é definitivo o domínio do opressor, seja ele da Babilônia, da Pérsia, da Grécia ou de Roma: nenhum deles deve ser temido, todos eles podem ser resistidos e derrotados.

A Apocalíptica representa uma leitura simbólica da história, que aponta a vitória dos pequenos e a superação do jugo do opressor. Nesta mesma direção se desenvolveu o conceito de ressurreição em oposição à morte.

A fórmula de fé encontrada em 1Cor 15,3-4, conforme no-la transmitiu Paulo, era de domínio público das comunidades cristãs; teria inclusive uso litúrgico evidente. Deste modo, ela não pode ser vista fora da vida da comunidade, mas era real e vivida por todas as comunidades. É isto que nos passam todos os textos sobre a ressurreição no Novo Testamento.

Neste sentido ressurreição no Novo Testamento em geral e em Paulo especificamente é *Vida Nova*, vida no Reino, vida com justiça, vida com qualidade, vida com esperança. Há um sabor novo para o mundo judaico, assim como para o greco-romano. O que para os judeus era um temor, ou seja a morte, para os cristãos

3. WILCKENS, U. *Auferstehung*. Kreuz Verlag, Stuttgart – Berlim,1970.

era espaço para o anúncio da ressurreição e da vida nova em Cristo. O ceticismo grego era também desafiado e superado (At 17,32).

Ressurreição é vitória sobre a morte, é desfrutar de uma cidadania de resistência à violência e à morte. Seu conteúdo simbólico assume a história e se concretiza numa forma de ser novo homem e nova mulher, libertos da lei do pecado e da morte, como diz Croato em seu artigo sobre o "Mistério Pascal como Acontecimento Liberador".

Nesta direção é que consideramos a ressurreição como um elemento vital: na fé e na vida que vence a morte.

Paulo Lockmann
Rua Marquês de Abrantes, 55
22230-060 Rio de Janeiro, RJ